

## **REJEIÇÃO E BAIXA AUTO-ESTIMA: AGRAVANTES DOS CONFLITOS GERACIONAIS NA MODALIDADE EJA**

Mágia Pessoa de Andrade Marinho  
Maria Aparecida de Carvalho  
Maria José Lopes da Silva  
Gileno Nunes Campos

### **RESUMO**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está no palco das políticas públicas atuais. Sua peculiaridade passa pela diversidade dos seus sujeitos alunos, necessidade de construção de mais conhecimentos e de formação profissional para atuar nesta modalidade de ensino. Este artigo tem por objetivo refletir sobre como gerenciar os conflitos geracionais sem que estes acarretem prejuízos ao processo ensino-aprendizagem dos educandos. Iniciamos por contextualizar o adolescente, o jovem-adulto e o adulto-idoso, na sociedade atual, seus desafios e necessidades em tempos de globalização. Por meio do diálogo com docentes e discentes do CMES Francisco de Melo Jaborandi, escola da rede municipal, situada na periferia de Fortaleza, diagnosticamos a rejeição e a baixa auto-estima como principais causas dos atritos. A partir daí, decidimos escrever um artigo de relato de experiência, através da aplicação de atividades, observações e discussões com seus pares, realizadas ao longo dos últimos anos. A compreensão de que é impossível passar pela vida sem ser rejeitado e saber lidar com a rejeição, aprendizagem fundamental para o equilíbrio do ser humano, abre a nossa discussão. A reflexão sobre o valor pessoal, postura altruísta, que valoriza o coletivo em detrimento do individualismo, e a percepção de que o respeito ao limite colocado pelo outro na relação é uma atitude primordial para evitar rejeição enriquecem a discussão acerca dessa questão. O entendimento do tripé da auto-estima (auto-respeito, autovalorização e autoconfiança), de posturas positivas dos educadores e educandos na construção do saber conviver, e o desenvolvimento do autoconhecimento dão mais consistência a este trabalho, que traz, ainda, uma proposta de formação ética e cidadã no formato de um projeto de trabalho, pautado na vivência de valores humanos na educação, especialmente na modalidade EJA. O que colocamos é a possibilidade de um fazer pedagógico consciente e comprometido com a formação do homem integral, tão mencionado na atualidade e fundamental no sucesso das relações pessoais. Para tanto, utilizamos um referencial teórico que serve de base para as discussões referentes às causas da rejeição e como lidar com ela, bem como o resgate da auto-estima e tudo mais que ela acarreta, pertinentes à práxis voltada para o desenvolvimento humano. Contudo, almejamos inserir elementos para o debate dos grandes desafios postos nos dias atuais aos sujeitos da EJA, mais especificamente, no que concerne aos conflitos geracionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** EJA, Conflitos, Rejeição, Auto-estima, Ética.

## **INTRODUÇÃO:**

As atuais políticas públicas da educação nacional estão favorecendo pesquisas no âmbito da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O momento é oportuno para construir conhecimentos nesta área e uma via legal configura-se nesta especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de EJA, através do PROEJA.

Vivemos hoje numa sociedade consolidada em muitas frentes: valorização dos contrastes; grande efervescência de informações; novas tecnologias; pluralidade cultural, étnica, econômica e política, dentre outras. E nesse contexto, a EJA é uma modalidade de ensino que envolve uma diversidade de sujeitos alunos.

Em função das especificidades desses sujeitos que são: jovens (adolescentes), jovem-adultos, terceira idade, trabalhadores, mulheres, negros, portadores de necessidades especiais, dentre outros, a compreensão de que possuem idéias próprias, expectativas e necessidades peculiares é fundamental. Eles têm uma história de vida, participam de grupos e lutas sociais, com gêneros, perspectivas e gerações diferenciadas, o que significa que a possibilidade de conflitos torna-se inevitável.

No universo do CMES Francisco de Melo Jaborandi, nosso campo de pesquisa e no qual, por dois anos, duas de nós exerceu a função de professora da referida modalidade de ensino, o quadro não é diferente. Situado no Jangurussu, bairro da periferia de Fortaleza, professores e alunos da EJA atestam a presença de conflitos geracionais em suas salas de aula. Estes interferem diretamente nos relacionamentos e, conseqüentemente, trazem prejuízos ao processo ensino-aprendizagem. Diante do exposto: como administrá-los sem acarretar tais prejuízos?

Alguns questionamentos surgem na tentativa de compreensão das causas destes: O que é ser adolescente, o que é ser jovem-adulto e o que é ser adulto-idoso nos dias de hoje? O que tem gerado os principais conflitos geracionais na atualidade? E a pergunta fundamental que norteia nosso trabalho: como reverter tais conflitos?

O foco da nossa pesquisa é a compreensão de dois pontos críticos nas relações interpessoais destes sujeitos de diferentes gerações: a rejeição e a baixa auto-estima. As discussões revelam suas principais causas e de que forma encará-las, buscando o equilíbrio do ser humano e uma relação melhor consigo e com o outro.

No que concerne à rejeição, a discussão ocorre em torno de como lidar com ela, a partir da compreensão do valor pessoal, onde o coletivo prevalece sobre o individualismo, da necessidade de estarmos atentos à forma como internalizamos as referências recebidas do meio, que interferem nas relações que estabelecemos, do respeito ao limite colocado pelo outro na relação e a consciência de que o rejeitado não é vítima e sim alguém que alimentou expectativas em relação ao outro.

No tocante à auto-estima, a reflexão dá-se a partir do entendimento do seu tripé (auto-respeito, autovalorização e autoconfiança), da busca do autoconhecimento e das causas e prejuízos da desestima de si e o que esta pode acarretar ao desenvolvimento humano e, conseqüentemente, ao processo ensino-aprendizagem. Fazemos um alerta acerca das atitudes que podem minimizar ou agravar os efeitos da auto-imagem negativa dos educandos.

O que almejamos é colaborar com os debates sobre a questão posta e mostrar um caminho aos que se propuserem a realizar um fazer pedagógico consciente e comprometido com o desenvolvimento humano. Sabemos que são escassas, no campo da EJA, bibliografias que nos dêem subsídios para podermos contornar nossas dificuldades pedagógicas, que muitas vezes passam por estes conflitos. Por esta razão, decidimos inserir nesse estudo, o projeto de trabalho anual existente na escola, que tem sua culminância na Semana Sócio-Cultural e que a cada ano procura contemplar e diversificar o leque de valores que julgamos ser necessário explorar e discutir em todas as modalidades de ensino.

O conhecimento construído por meio desta pesquisa representa nossa contribuição para um trabalho com melhores resultados no processo ensino-aprendizagem, pautado na formação ética de educadores e educandos da EJA da referida escola, assim como de outros que se identificarem com o enfoque em questão.

## **1.0 - O ADOLESCENTE, O JOVEM-ADULTO E O ADULTO-IDOSO NA ATUALIDADE**

Compreender a complexidade ontológica dos diferentes papéis dos sujeitos da EJA nos dias atuais passa inevitavelmente pela percepção das suas relações na construção do entendimento da sociedade em questão. Nesse abrangente contexto, a EJA torna-se um lugar especial para o encontro de jovens (adolescentes), jovem-adultos, terceira idade, com suas especificidades e necessidades peculiares, portanto, a

compreensão da diversidade de pessoas, com suas vicissitudes humanas, no espaço restrito que é a sala de aula, indica grandes possibilidades de conflitos.

Assim, tendo em mente estes muitos atores no palco da EJA, numa sociedade da contradição, cada etapa da vida humana se reveste de uma profunda significação. Para delimitar o foco de nosso estudo, fizemos uma escolha: encontrar um fio condutor que perpassasse por todos os envolvidos nessa interação cotidiana, ou seja, as suas relações interpessoais.

A fim de compreender tais relações, primeiramente precisamos entender que hoje, com a complexidade do neoliberalismo, há uma nova organização nas relações, inclusive no que tange ao trabalho, cujo perfil do trabalhador caracteriza-se pela polivalência, na junção do saber com o saber fazer. Desse modo, as exigências do mercado de trabalho, o alto índice de desemprego, o crescente desnível econômico, que acentua ainda mais as desigualdades sociais, têm afetado todos.

Mais especificamente, os adolescentes que vivem na periferia quase sempre se vêem impotentes diante de tantos desafios. Eles, que deveriam se dedicar ao processo de escolarização e de profissionalização, expectativas próprias da juventude na contemporaneidade, ainda contam com o agravante da discriminação que sofrem pela sociedade, sendo taxados muitas vezes de inconseqüentes, rebeldes, violentos e “sem futuro”, como se esse tipo de comportamento fosse regra geral. Na verdade, a maioria deles está encarando os desafios que se colocam: desestrutura familiar, mortalidade juvenil, degradação do convívio social, bombardeio consumista da mídia e imagem destrutiva, que é divulgada sobre os jovens, o acesso às drogas, dificuldade de ingresso na escola, que, quando há, quase sempre é de qualidade duvidosa.

A juventude tem feito isso, canalizando toda sua vivacidade, fortaleza e potencial criativo, próprios de sua idade e, em contrapartida, ainda conta com o turbilhão emocional da adolescência, etapa que se alonga cada vez mais, dada sua complexidade. Estudos mais recentes consideram a adolescência até a idade dos 28 anos. No que concerne aos adolescentes da EJA, além do que foi colocado, ainda sofrem com a discriminação por estarem fora de faixa e com defasagem de aprendizagem.

Aos adultos da EJA, os desafios não são menores. Estes se vêem com a responsabilidade de manutenção de suas famílias, educação dos filhos e sob a pressão social de mostrar estabilidade financeira e segurança. Como responder a todas estas expectativas, na atual conjuntura social, política e econômica que nos é posta? E se

tratando de adultos à margem do processo de escolarização? Os idosos, então, que além destas ainda carregam a carga do preconceito, numa sociedade em que a velhice é vista como doença, a situação é bem pior.

Estes são os atores da EJA, com suas expectativas e peculiaridades, com um objetivo comum de formação escolar e contam, ainda, com um grande desafio neste processo: aprender a conviver não só entre seus pares, como também na relação diária com os outros segmentos da comunidade escolar, ou seja, professores, funcionários, especialistas (supervisor e orientador educacional), direção, entre outros.

Saber conviver é um dos quatro pilares da educação, defendido por *Jacques Delors*, expresso no documento denominado “Relatório *Jacques Delors*” – RDJ – resultado de trabalhos desenvolvidos de 1993 a 1996, pela Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A Quinta Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEA), promovida pela UNESCO, realizada em Hamburgo, em 1997, é um marco de referência das políticas públicas nesta modalidade de ensino em diversos países do mundo e que apresentou esta proposta de redimensionamento do fazer pedagógico dos educadores a partir da formação do homem integral. Saber conviver, enquanto pilar para uma existência equilibrada, torna-se um imperativo para o aprendizado de uma vida, um grande desafio proposto, especialmente àqueles que atuam na EJA. Mas como construir este aprendizado num contexto de tantas diversidades?

Diante do exposto, podemos relacionar duas grandes dificuldades de ordem das relações interpessoais nas salas de EJA: a rejeição e a baixa auto-estima. Estas foram diagnosticadas como sendo as principais causas dos conflitos geracionais na referida escola, ao longo dos últimos anos, mediante atividades desenvolvidas em sala, observações e discussões.

## **2.0 - A INEVITÁVEL REJEIÇÃO**

Um ponto relevante nesta reflexão é a rejeição entre jovens e adultos, jovens e idosos e vice-versa. *É impossível passar pela vida sem ser rejeitado e saber lidar com a rejeição é uma aprendizagem fundamental para o equilíbrio do ser humano* (MIRANDA, 2005, p. 10). O que faz a diferença é a postura de estarmos abertos às

possibilidades de aprendizado, às inovações, para que aconteçam as tomadas de consciência, que são a chave que nos liberta da prisão, do isolamento. Entendemos que educadores e educandos, enquanto pesquisadores do processo ensino-aprendizagem, precisam estar atentos à formação ética de todos envolvidos no processo de construção de conhecimentos, pois a discriminação e o preconceito de toda sorte são freqüentes em nossa sociedade. *Para lidar com a rejeição é preciso muita percepção e discernimento... A rejeição pode ser individual, étnica, religiosa e/ou política* (MIRANDA, 2005, p.35).

Recebemos referências externas do meio, que interferem diretamente nas relações que estabelecemos com as pessoas e o que vai determinar o sucesso destas relações é o modo como às internalizamos. “Jogá-las para dentro,” de forma positiva, possibilitando a expansão e a inclusão no grupo é a grande questão. E isso nem sempre é escolha, principalmente quando este grupo é formado por pessoas bem distintas, de diferentes gerações. Estar bem com o grupo, estando bem consigo mesmo, requer muita reflexão, conhecimento de si mesmo e vivência de valores humanos nas relações sociais. A escola é o local adequado para esta vivência, que pode ocorrer por meio da realização de projetos que partam desta temática. Assumir esta postura numa sociedade de contradições é algo que requer superação, pois vivemos numa sociedade que, historicamente, reforça o contra-valor e a desumanização do homem. Assim, afirma o tempo todo, ideologicamente, através dos meios de comunicação, uma relação destrutiva consigo, com o outro e com a natureza. Por conta disso, há uma tendência generalizada, e não por acaso, em recebermos as referências do meio de modo a nos excluirmos, criando um mal-estar no grupo e, conseqüentemente, rejeição, causando prejuízos ao processo ensino-aprendizagem. Apesar das dificuldades, é possível realizar um trabalho pedagógico humanizador, desde que haja comprometimento no exercício da função social da escola, muita dedicação e esforço conjunto. Segundo o Dr. Márcio Lúcio de Miranda:

O rejeitado não é vítima... É sempre alguém que alimentou expectativas de ser amado, aceito e considerado. Durante sua vida, desenvolveu importância pessoal ao invés de valor pessoal. Define-se valor pessoal como sendo o valor que a sociedade, o grupo social, profissional ou familiar atribuem a uma pessoa pelos seus atos, comportamentos e realizações em benefício da comunidade... Na vida o que conta é o valor pessoal. A importância pessoal é um ato de inversão do globo ocular e geralmente leva a sofrimentos (MIRANDA, 2005, p. 37).

É necessário trazer esta reflexão para a sala de aula. A inversão do globo ocular inverte a visão, focalizando a importância pessoal, reforçando o egoísmo, a desestima, a postura de autodefesa e de coitadinho, gerando exclusão e isolamento. Em contrapartida, o valor pessoal remete ao compromisso com o coletivo, abandona o individualismo e estabelece o pensamento de grupo. Nessa perspectiva, os sujeitos da EJA têm a possibilidade de refletir sobre o papel de cada um no convívio com o todo da sala de aula, as contribuições que trazem e o compromisso com o sucesso da turma. Este é o princípio da co-responsabilidade. Dessa forma, a construção do conhecimento passa pela compreensão de si, do outro e do mundo. Assim, pode-se vislumbrar uma cultura altruísta, a partir da consciência da existência do outro e o respeito às diferenças. Exercícios como o de saber ouvir, estar atento às necessidades do outro, atendendo-o também fisicamente no contato direto. Um abraço afetuoso, um sorriso acolhedor ou um olhar desarmado fortalecem os laços afetivos, que precisam estar contemplados no processo ensino-aprendizagem, que passa também pela empatia estabelecida entre todos os envolvidos. No entanto, é necessário estar atento e evitar exageros. Ainda segundo o mesmo autor.

É de vital importância saber determinar o tamanho do espaço corporal de cada pessoa no momento em que nos relacionamos com ela. A invasão ao território do outro é uma das causas da rejeição. Só é rejeitado quem ultrapassa os limites colocados pelo outro. Portanto não estabelecer limites é não dar oportunidade ao outro de se orientar em relação a nós, é deixá-lo perdido, sem rumo (MIRANDA, 2005, p. 41).

Imagine quarenta pessoas num espaço restrito, que é a sala de aula, onde diariamente, num certo período de tempo, relacionam-se com diversas subjetividades, como estabelecer este limite? É um aspecto que não é considerado, que passa despercebido. Inevitavelmente, problemas com relacionamentos surgirão, o que vai exigir um olhar atento à possibilidade de utilização de outros espaços, dentro e fora da escola, que levam à vivência de bens culturais produzidos historicamente disponíveis em museus, teatros, bibliotecas, cinemas e exposições de arte. Além de oxigenar as relações interpessoais, promove a dinamização na metodologia do educador na construção do saber.

Evitar a rejeição é um comportamento de amor a si próprio e de preservação da auto-estima. Assim sendo, estar atento para não ocuparmos um espaço excessivamente pequeno, para não nos sentirmos acucados e ameaçados, é uma postura

cotidiana, para evitarmos nos tornar agressivos, assim como não evitar ir além dos limites colocados pelo outro. É no convívio social que vamos construindo o valor pessoal, buscando a distância certa entre nós e o outro. O relacionamento humano efetivo depende de comportamentos muito simples, tão simples que são esquecidos e não praticados no dia-a-dia.

Outro ponto importante no convívio social é não esperarmos que o outro aja de acordo com nossa vontade. Cada pessoa é um ser peculiar, o que precisa ser respeitado. *A expectativa é o mal nosso de cada dia... é o atestado de óbito do nosso bem-estar, do nosso bom humor e do nosso equilíbrio emocional* (MIRANDA, 2005, p. 98). Ela nos provoca sentimentos destrutivos. No entanto, a tomada de consciência liberta nos e desata os nós. Para se estabelecer amizade, primeiramente é preciso ter intenção, pois a vontade é o motor que move as ações humanas. Não gerar expectativa, remove o peso das relações e nos dá leveza, até para atendermos fisicamente melhor ao outro. Voltamos aqui à questão da construção do valor pessoal, que abrange outros valores como: paz, amor, amizade, respeito, tolerância, cooperação, responsabilidade, solidariedade, entre outros, que podem ser abordados na escola em diferentes contextos, de forma inter, trans e multidisciplinar. A sala de aula é um espaço diferenciado de resgate de uma dívida social, no caso da modalidade EJA, que necessita ser um ambiente aberto e acolhedor, estimulador e inclusivo. Vivenciar valores humanos na escola vai depender da disposição do grupo, a partir da consciência de sua importância no contexto atual. Mas é necessário que o educador abra o leque das possibilidades e acredite nos resultados positivos, dadas experiências já vivenciadas em outras instituições sociais, governamentais ou não. O Programa Vivenciando Valores na Educação (VIVE), aplicado em mais de oitenta países pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), promovido pela Organização Internacional *Brahma Kumaris*, entre outras, tem dado suporte teórico e prático na formação de educadores e das comunidades e atestam esta realidade.

É preciso estar atento às situações de conflito de modo a redimensioná-las, transformando-as em possibilidades de aprender. Partindo desse pressuposto, como construir um fazer pedagógico a partir dessa premissa? Como desenvolver o autoconhecimento e a elevação da auto-estima dos sujeitos da EJA?

Além do que foi discutido até aqui é importante compreender o que é auto-estima e o que sua ausência pode acarretar para o indivíduo e, conseqüentemente, para o grupo. Buscamos uma fundamentação teórica mediante estudos realizados em



Psicologia Aplicada, pela Dra. Maria Cristina *Strocchi*, texto traduzido por Francisco *Morás*.

### **3.0 - ESTA NOSSA (DES) CONHECIDA AUTO-ESTIMA:**

A atitude de amar a si próprio, mesmo reconhecendo que temos limitações e qualidades negativas e positivas, porém dando maior ênfase a estas últimas, é o que chamamos de auto-estima. Temos que nos amar como somos, pois nenhum indivíduo é desprovido de boas qualidades e, portanto, a necessidade de conhecer-se, na busca da construção de uma auto-imagem positiva, é fundamental, partindo do princípio que ninguém irá valorizar uma pessoa que não tem apreço por si mesma. No que concerne aos sujeitos alunos da EJA, torna-se imperativo diante das especificidades citadas anteriormente, na introdução.

#### **3.1 – A conquista da auto-estima nas salas de EJA**

Para que se tenha êxito ao trabalhar com estudantes, particularmente nas salas de EJA, faz-se necessário conhecer alguns preceitos que são determinantes para se ter uma auto-estima equilibrada. É o que se denomina tripé da auto-estima, formado pelo auto-respeito, a autovalorização e a autoconfiança. Sem esta harmoniosa cumplicidade a boa auto-estima tende a se desequilibrar, trazendo transtornos para todos.

O auto-respeito permite ao indivíduo perceber-se como é: um ser em construção com qualidades e defeitos, com perspectiva de crescimento pessoal e social, o que se alcança a partir do autoconhecimento. A autovalorização propicia o reconhecimento de seus valores e a expressão de vontades, pensamentos e convicções, mantendo o bem-estar por sentir-se parte integrante do mundo. Por último, a autoconfiança sinaliza a troca de experiências no sentido de proporcionar mais segurança e confiança no que se acredita e postula como positivo, confiar em seu potencial, acreditar que é capaz.

Educadores têm o desafio de fazer com que os educandos percebam que estar com auto-estima elevada, além de ter boa saúde física e mental (essencial no processo ensino-aprendizagem), representa tornar-se um indivíduo mais seguro e bem resolvido, não se abatendo facilmente diante das intempéries da vida, erguendo a cabeça

após o insucesso da repetência escolar e encarando-a com naturalidade e como oportunidade de aprendizagem e amadurecimento. Dessa forma, não se torna vulnerável ao julgamento de terceiros, não se importando se é criticado por estar fora de faixa e não saber ler e escrever, portanto, é respeitado e se sente potencialmente estimulado.

Mais uma característica da auto-estima equilibrada é a capacidade de maleabilidade diante de certas convicções que, em determinada situação, podem “cair por terra” com possibilidade de serem revistas e, conseqüentemente, reconstruídas sem maiores danos, partindo do princípio de que estamos em constante construção. Este equilíbrio é a busca diária. Ninguém está pronto e acabado. As experiências ao longo da existência vão se somando e desenhando o ser, cujo processo de lapidação vai depender da disposição de cada um em fazê-lo. Ao participar de atividades grupais, dentro ou fora do âmbito escolar, os educandos precisam sentir-se como membro integrante, com voz e vez de participação, e caso entre em alguma situação embaraçosa ou conflituosa, buscar se reestruturar emocionalmente.

### **3.2 – A vivência da desestima nas salas de EJA**

Como já mencionamos, um dos problemas de auto-estima dos estudantes da EJA é o fato de se sentirem culpados por não ter estudado em tempo hábil. Essa cultura, também, é inculcada pela mídia. Retornamos aqui à questão do poder que esta tem, enquanto veículo de manipulação e “massa de manobra” da fatia dominante da sociedade, que projeta esta imagem negativa. O mais preocupante é que parte dos educadores também acredita nesta realidade imposta, com isso não se preocupa em contornar ou mudar a situação. O restante, que é consciente, nem sempre toma uma atitude coerente e comprometida com uma práxis pautada no desenvolvimento humano ou então trabalha de forma isolada, o que não tem muita abrangência e chance de efetiva transformação pessoal, social e cultural.

Volta e meia pergunta-se o porquê de algumas pessoas apresentarem baixa auto-estima. Esta tendência do comportamento tem sua marca registrada na nossa realidade de escola pública e tende a se agravar, por razões já mencionadas, nas salas de educação de jovens e adultos.

*Skinner* (apud Strocchi, 2003), por meio de seus estudos e observações, tenta explicar essa tendência de comportamento mediante o *condicionamento operante*, que consiste inicialmente na análise de uma situação que gera um determinado

comportamento, e conseqüentemente uma reação ou efeito que pode ser negativo ou positivo, por parte da outra pessoa que interage e do contexto. Em virtude desse efeito ou reação, há a possibilidade do comportamento tomar um aspecto mais definitivo e marcante na personalidade de uma pessoa, especificamente de um educando, perante as mesmas situações. Portanto, é necessário ter cuidado com as palavras, atitudes e gestos dirigidos aos educandos, pois podem marcar a vida destas pessoas negativamente, destruindo sua auto-estima. Ficar atento e agir de forma adequada e sensata diante das situações é primordial ao profissional que trabalha com pessoas. Referindo-se aos educadores, então, a responsabilidade é ainda maior, por estar envolvido com a formação do cidadão. Vamos comentar alguns desses efeitos como: atenção ou elogio, alívio da aflição, punição e indiferença.

O primeiro deles é a atenção ou elogio, considerados como uma das maiores necessidades do ser humano, sua ausência na sala de aula pode trazer muitos bloqueios, independente da idade do indivíduo.

Para as educadoras *Pilar Colomina e Diane Tillman* (2005, pp. 103-108), alguns pontos são imprescindíveis no sentido do elogio ser visto como positivo, caso contrário, pode acontecer o oposto, como veremos logo a seguir:

Fazer elogios diretos e específicos é muito importante, porque nem todos os educandos estão acostumados a ouvi-los e precisam sentir que são verdadeiros. Assim, dão uma boa resposta motivacional e educacional. Tais elogios ajudam a resgatar a auto-imagem positiva dos educandos, fazendo-os perceber suas boas qualidades e que estas são reconhecidas pelo professor, o que é muito importante. A falta de sinceridade na sala de aula pode desestimular o educando, seja da idade que for. No entanto, emitidos com veracidade, geram sentimentos positivos a quem ouve. Elogios precisam ser feitos logo ao surgir um comportamento positivo como forma de desenvolver a autoconfiança dos educandos. Portanto um pequeno gesto faz diferença e vale mais que muitas palavras.

Outro efeito é o alívio da aflição, que se constitui na tentativa de mascarar o problema, evitando encará-lo de frente. No primeiro momento, pensamos não haver grandes impactos, já que foram rapidamente resolvidos, para em seguida estourar com outras conseqüências, às vezes mais danosas. Um exemplo típico é o do educador que tem problemas disciplinares em sua sala, contudo não toma nenhuma medida positiva para minorar ou resolver este impasse. Ou, ainda pior, dá graças quando consegue “se livrar” da turma, para em seguida ter os mesmos problemas em outras salas. Este

profissional, além de não conseguir ter êxito no que faz, não aproveita a oportunidade de crescer e superar suas limitações, causando prejuízos a ele e seus educandos.

A terceira reação ao nosso comportamento se apresenta como sendo a punição, que ao contrário do que muitos pensam, não surte o efeito esperado como resolução de problema, uma vez que quem fica em evidência não é, muitas vezes, o punido, mas, sobretudo, o punidor. Retomamos aqui ao princípio de que o ser humano precisa de atenção para sobreviver e, nessa situação, “o tiro sai pela culatra” e o comportamento tido como errado torna-se cristalizado, isto é, sem possibilidades de mudança. Vale ressaltar ser necessário ter cuidado ao chamarmos a atenção de um educando para não constrangê-lo diante dos colegas. Antes de qualquer coisa é uma atitude ética. Alguns professores chegam a ameaçar os indisciplinados com notas baixas na avaliação e por vezes essa ameaça se estende a reprovação.

Por fim, a indiferença, que se apresenta como uma reação capaz de suprimir uma atitude incorreta. Observa-se que por vezes uma ação correta pode ser banalizada por ser considerada uma obrigação por parte de quem a pratica, a partir daí, a indiferença estende-se a todos que estão envolvidos na situação. Logo, é desperdiçada uma ótima oportunidade de estimular com palavras e gestos, um bom caminho para um trabalho positivo, como mencionamos anteriormente. Reforçar os pontos negativos dos alunos acarreta entrave no processo de aprender. Pode-se ilustrar esta afirmação, quando alguns educadores rotulam seus educandos, ou mesmo a sala inteira, de indisciplinados ou de ter um ritmo de aprendizagem insatisfatória, enfatizando esses pontos em detrimento do reconhecimento do que conseguem fazer, mesmo com dificuldades, pondo em risco a auto-estima deles e seu relacionamento mútuo.

Um ponto relevante nesta discussão é que a religião e as tradições culturais também têm sua parcela de contribuição na diminuição do amor próprio e, conseqüentemente, na auto-estima, fazendo com que haja sentimento de culpa por se adquirir bens ou por não aceitar a subserviência. Este tipo de formação preconiza o reconhecimento dos erros como prova de fraqueza de personalidade e não enquanto tentativa de acerto, possibilidade de aprendizado. Esta realidade está muito presente nesse público-alvo, até por serem pessoas cuja auto-estima é bombardeada de todas as formas numa sociedade excludente.

Pode-se confundir auto-estima com sentimento de superioridade. A primeira permite que as boas e más qualidades sejam percebidas e, diante disso, possa haver uma

reflexão e uma possível mudança de postura. A segunda trata de um comportamento arrogante, portanto, negativo e é reflexo da baixa auto-estima de si.

Nesse quadro, observam-se duas variantes que se caracterizam como disfuncionalidade da auto-estima. Numa delas somente os defeitos são levados em conta por parte do indivíduo, já na outra ponta há uma supervalorização de si próprio. Os dois modelos constituem-se desequilíbrio emocional.

Alguns educandos acreditam ser incapazes de mudar o seu comportamento, em virtude de terem nascido assim ou por terem alguém na família com atitude semelhante, também observamos outros convictos de que podem mudar sua conduta da noite para o dia, de forma definitiva. As duas afirmações são um tanto quanto extremas. Segundo pesquisas realizadas pelo psicoterapeuta *Kagan (apud Strocchi, 2003)* da Universidade de *Harvard*, a respeito da primeira situação observada, atitudes herdadas no âmbito familiar só podem sofrer modificações mediante aprendizagens graduais, desmistificando a máxima de “pau que nasce torto morre torto”, essas alegativas são desculpas de quem não quer mudar e se perceber. No segundo caso, sabe-se que é difícil uma mudança drástica, em pouco tempo, no modo de ser de alguém. Por se tratar de um comportamento que se instalou já há algum tempo, três aspectos devem ser considerados: reconhecimento da necessidade de mudança, transcorrer certo período para que esse novo ser ressurja, mediante suas aprendizagens e reflexões e, principalmente, força de vontade.

Outras conseqüências que a diminuta auto-estima ocasiona são os medos e fobias, dificuldades de relacionamento, aflição e insegurança, necessidade do aval do outro, depressão e atrofia das reais potencialidades, apontados como nossos maiores problemas no convívio escolar.

### **3.3 – A expressão da desestima de si gerando estresse:**

#### **3.3.1 – Algumas percepções**

A fim de relacionar-se bem com os outros, que estão a todo o momento ao seu redor, é imprescindível que se entenda harmonicamente com seu “eu”.

Existem muitas coisas importantes a conhecer sobre si, mas que, por uma porção de motivos, o indivíduo não se apodera e deixa para trás ótimas oportunidades de crescimento pessoal. Neste contexto, eis aqui sete percepções ou visões, consideradas básicas, para o escritor inglês *Mike George (2005, pp. 43-50)*. São elas: identidade,

natureza, responsabilidade, crenças, autocontrole, paradoxos da vida e relacionamentos, contudo vamos nos deter nas duas primeiras, evitando repetições em relação ao que foi dito anteriormente.

**Identidade:**

A busca incessante de conhecimento da real identidade do indivíduo, muitas vezes, envereda por caminhos confusos e equivocados. Ao se deparar com sua imagem no espelho, é oportunizado apenas vislumbrar o invólucro do que de fato é. A essência do ser, na verdade, é a alma, o espírito, portanto, cada um é muito mais do que um limitado corpo, que nasce, cresce, envelhece e morre. Segundo *Mike George* (2005, pp. 46-47), a alma é imortal e não pode ser tão vulnerável quanto o corpo, ao menos que se permita que isso aconteça. Há uma linha de pensamento que acredita que a alma trava uma verdadeira batalha com o corpo que a aprisiona, em busca de sua liberdade. Portanto vale retomar aqui o tripé da auto-estima: o auto-respeito, a autovalorização e a autoconfiança, que passam, necessariamente, pelo autoconhecimento.

Ao se apontar o corpo (que é apenas a casa da alma) como sendo nossa verdadeira identidade, certamente terá de se conviver com o medo do envelhecimento, com a tristeza de não ter mais uma aparência bonita e jovem e muitas outras “neuras”. Portanto, estará sempre refém do estresse, a doença dos tempos modernos, principalmente na terceira idade.

**Natureza:**

A verdadeira beleza não é visível aos olhos, ela se encontra no interior da pessoa e pode ser sentida quando se está bem consigo mesmo, porém, desde criança, aprende-se o contrário.

O mesmo acontece em relação à natureza humana, que não é de ter medo, insegurança, tristeza, raiva e outros sentimentos negativos. Todos esses sentimentos são aprendidos durante a caminhada de cada um, que chega a considerá-los normais, como parte integrante da vida. A desconstrução dessa visão é difícil, contudo, necessária. O verdadeiro eu e a verdadeira beleza encontram-se camuflados e esquecidos em nome da vaidade, quando se diz que alguém é bonito fisicamente.

Há uma inversão em torno do que realmente é importante, os comentários sobre o comportamento e a personalidade passam a contar mais do que o verdadeiro eu,

“verdade” construída culturalmente, portanto, produto do homem que pensou este modelo de sociedade, que vem se perpetuando ao longo do tempo. A relação de poder, de domínio sobre o outro, encobre com seu véu os sentimentos mais puros, que vêm do âmago do ser, impedindo-os de aflorar.

A partir do momento que a mais profunda natureza vier à tona, a tendência é de que as pessoas também possam expor seus sentimentos numa maravilhosa simbiose em que todos sairão ganhando.

#### **4.0 – EXPERIÊNCIA DE ROMPIMENTO COM A BAIXA ESTIMA, STRESS E REJEIÇÃO: PROJETO DE TRABALHO E DINÂMICAS.**

##### **Projeto de trabalho:**

##### **Vivenciando Valores Humanos na Comunidade Escolar**

##### **CMES FRANCISCO DE MELO JABORANDI – PMF – SER VI**

##### **1 – Apresentação**

“O projeto da escola depende, sobretudo, da ousadia dos seus agentes, da ousadia de cada escola em assumir-se como tal, partindo da ‘cara’ que tem, com o seu cotidiano e o seu tempo-espaço, isto é, o contexto histórico em que ela se insere. Projetar significa ‘lançar-se para frente’, antever um futuro diferente do presente. Projeto pressupõe uma ação intencionada com um sentido definido, explícito, sobre o que se quer inovar.” (Moacir *Gadotti*)

Um clamor por valores está ecoando na atualidade. A dívida social dos nossos governantes, acumulada ao longo dos anos, tem engessado problemas, que geram desconforto a todos. Em nossa comunidade escolar, percebemos esta realidade. Direção, especialistas, funcionários, pais, alunos e educadores estão cada vez mais preocupados e afetados pela violência. Nesse contexto, as relações pessoais estão afetadas e, no universo da escola, espaço de construção destas relações, por excelência, há agravantes. Percebemos falta de respeito mútuo e solidariedade com o próximo. Há um consenso de que o ensino deve formar para o exercício da cidadania. Nesse sentido, a vivência de valores humanos na escola é primordial a fim de buscar alternativas que possam amenizar essas dificuldades. O CMES Francisco de Melo Jaborandi, escola que

funciona em três turnos, atendendo a uma demanda de quase 1.700 alunos, da educação infantil ao ensino fundamental, inclusive a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, por meio deste projeto com esta temática, tem oportunidade de reverter o quadro da violência na escola e na comunidade local, contando com a participação de todos. Assim, nossa principal missão é tornar a educação democrática e de qualidade, comprometida com o individual e o social, tornando possível o respeito às diferenças e ao mesmo tempo instigando a participação ativa do aluno, tornando-o crítico e criativo, para a melhoria das relações interpessoais e, conseqüentemente da aprendizagem.

## **2 – Introdução**

Na elaboração deste projeto, contamos com a colaboração dos educadores, que durante a semana pedagógica, no início deste ano letivo, apontaram e analisaram os avanços e as dificuldades enfrentadas pela escola no ano anterior. Foram traçadas ações no intuito de alcançarmos nossos objetivos, um trabalho com melhores resultados e participação de todos na vivência da gestão democrática no âmbito escolar. Por meio de discussão coletiva, foram traçadas metas e ações, que atingissem os objetivos propostos, como também espaço entre os encontros pedagógicos, nos quais acontecerão planejamentos, reflexões, estudos, sugestões, vivência e troca de experiências sobre cada valor trabalhado.

O projeto é flexível, podendo ocorrer alterações no decorrer de seu desenvolvimento, sempre buscando melhorar a qualidade de ensino, onde os alunos são conduzidos a refletir, imaginar, dialogar, comunicar, cantar, criar, escrever, expressar artisticamente e brincar com os valores humanos propostos.

O propósito do projeto é oferecer uma variedade de atividades que propiciem aos alunos vivenciar experiências com valores e metodologias práticas, onde os educadores capacitam o educando, explorando e desenvolvendo os doze valores-chave universais: cooperação, liberdade, felicidade, honestidade, humildade, amor, paz, respeito, responsabilidade, simplicidade, tolerância e união, levando-os a pensar sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre os valores de maneira relevante. São motivados a provocar a experiência dos valores internamente.



### **3 – Público-alvo**

O público-alvo são os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Melo Jaborandi, assim como toda a comunidade que cerca a escola, pois entendemos que ela faz parte do público que pretendemos atingir, para que nossos alunos realmente possam vivenciar a prática desses valores no seu dia-a-dia, adaptando as atividades a cada faixa etária, inclusive à modalidade EJA.

### **4 – Objetivo Geral**

Favorecer os estudantes a valorizar, em situações diversas, o “EU” como ser único, capaz de conviver e aceitar o outro com suas diferenças e individualidades, reconhecendo que ninguém é igual a ninguém, mas que todos são importantes e têm seus valores, tornando sua sala de aula e o mundo um lugar melhor para se viver.

### **5 – Objetivos Específicos**

- . Levar os alunos, professores e comunidade a refletir e praticar sobre diferentes valores pessoais, sociais, e espirituais.
- . Construir conceitos para que o aluno aprenda a viver em sociedade, abrangendo aspectos comportamentais.
- . Reconhecer os valores em si próprio, nos outros, na comunidade e no mundo.
- . Fazer uso da imaginação criadora.
- . Incentivar a criatividade por meio de paródias, danças, dramatizações, poesias e danças.
- . Discutir assuntos relevantes por meio de dinâmicas.
- . Proporcionar momentos de relaxamento e reflexão na busca do autoconhecimento.
- . Promover debates e pesquisas.
- . Criar murais.
- . Confeccionar dobraduras.
- . Expressar artisticamente os valores trabalhados por meio de desenhos.
- . Utilizar músicas e textos sobre os valores.
- . Interdisciplinarizar com outros conteúdos e áreas do conhecimento.

## **6 – Recursos Pedagógicos**

Cartazes; murais; revistas; músicas; filmes; jornais; internet; livros; dobraduras; desenhos, entre outros.

## **7 – Recursos Humanos**

Professores; especialistas (orientadora educacional e supervisora); direção; funcionários; alunos; pais e comunidade local.

## **8 – Recursos Tecnológicos**

Televisão; som; DVDs; CDs; computador; copiadora

## **9 – Desenvolvimento**

O projeto será desenvolvido neste ano letivo, no qual a cada bimestre serão trabalhados três valores, podendo sofrer alterações à medida que surgirem situações que possam implicar mudanças. Para a culminância do projeto, serão apresentados aos pais e comunidade cordéis produzidos pelos alunos, exposição de trabalhos e apresentações artísticas, que serão explorados dentro e fora da sala de aula.

## **10 – Avaliação**

Na perspectiva de uma forma diferente e comprometida com a transformação social, a avaliação ultrapassa o caráter classificatório que leva a excluir, aprovar ou reprovar. Ela será de forma processual e contínua, valorizando o progresso do aluno pela construção de seus conhecimentos, observando a participação, o desenvolvimento e o interesse dos deles. Outro recurso que será utilizado é a auto-avaliação, pois levará o aluno à reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem e ao entendimento de compromisso com seu progresso e suas dificuldades, favorecendo assim o desenvolvimento da auto-estima. Os alunos serão envolvidos constantemente em trabalhos de pesquisas, produções e interpretações de textos, leitura, desenhos,

pinturas e momentos de relaxamento. Discutiremos dificuldades e ajustes, no decorrer do processo, em encontros específicos com esta finalidade.

### **Dinâmicas:**

#### **Exercício 1**

Teste da auto-estima:

Primeiramente, é preciso sondar o nível de auto-estima dos educandos, fazendo o seguinte exercício:

- ⌘ Peça-os para fazer um desenho de si mesmo.
- ⌘ Peça que eles se descrevam com dez adjetivos, fazendo um círculo vermelho ao redor dos adjetivos negativos e um círculo verde ao redor dos positivos.

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

Sou .....

De acordo com o número de adjetivos positivos e negativos, pode-se fazer uma idéia de como os educandos vêem a si mesmos.

Todos têm auto-apreço e defeitos.

Nesse momento, deve-se explicar aos educandos que todas as pessoas apresentam aspectos positivos e negativos em suas personalidades, mas que também é possível eliminar os defeitos. De que forma? Eliminando um defeito de cada vez, começando pelo mais fácil.

#### **Exercício 2**

Auto-apreço:

Peça aos educandos que escolham três colegas e escrevam três qualidades positivas de cada um. Pergunte quem quer iniciar falando o nome do primeiro e sua qualidade e à medida que todos vão falando se voltar para quem já se pronunciou, este

escolherá o segundo colega da sua lista e dirá seu nome e qualidade e assim sucessivamente até que todos se apresentem.

### **Exercício 3**

Auto-aceitação:

Fale aos educandos que ao sentir uma emoção negativa, pare por um instante e reflita:

- ⌘ Que emoção estou sentindo?
- ⌘ Qual a razão de estar provando esta emoção?

Em seguida, peça-os para repetir: “Exatamente por ser humano é que sinto esta emoção, a aceito e me amo assim mesmo”.

Se as circunstâncias forem favoráveis, estimule-os a manifestar esta emoção dizendo, por exemplo: Neste momento estou sentindo muita raiva porque...”. Já que a emoção da raiva é provocada pela emoção da dor, como alternativa você poderia dizer: “Neste momento estou sentindo muita tristeza porque...”

### **Exercício 4**

Atenção às próprias necessidades:

Escolha uma música agradável, que ajude a relaxar, peça aos educandos que se acomodem confortavelmente na cadeira e fechem os olhos.

Pergunte:

- ⌘ Quais são as pessoas cuja presença e companhia me trazem paz e serenidade?
- ⌘ Quais são os lugares nos quais consigo recuperar a tranquilidade?
- ⌘ Quais são as atividades que me reabastecem e me fornecem energia para enfrentar o estresse cotidiano?

Escreva no seu caderno:

- ⌘ Pessoas que me enriquecem;
- ⌘ Lugares que me nutrem;
- ⌘ Atividades que me alimentam.

Continue perguntando aos educandos:

- ⌘ Quantas vezes eles usaram estes recursos nos últimos tempos?
- ⌘ Como vão se organizar melhor de agora em diante?

### **Exercício 5**

Como exprimir os elogios:

Fale aos educandos o seguinte:

- ⌘ Pense e escreva a forma como você recebe os elogios:

⌘ Descreva dois episódios em que, ao ser elogiado, sentiu-se embaraçado:

### **Exercício 6**

Pense em alguns colegas para os quais você gostaria de fazer algum elogio e tente formulá-los de modo assertivo (dizendo de forma clara o que você pensa, sem ser agressivo).

### **Exercício 7**

Como se livrar da raiva:

Pergunte aos educandos:

⌘ Como você se comporta quando alguém se irrita com você?

- Fecha-se em si mesmo?
- Chora?
- Reage agressivamente?
- De que forma?

⌘ Como você se comporta quando está com raiva?

- Levanta a voz?
- Joga objetos?
- Ofende?
- Bate?
- Chora?
- Fecha a cara?

⌘ Descreva algum episódio significativo:

⌘ Para ser assertivo, como você deveria se comportar naquela situação?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os educadores precisam estar atentos aos desafios da educação na atualidade. Saber lidar com a rejeição e a baixa auto-estima é uma aprendizagem construída ao longo da vida e que precisa ser exercitada no cotidiano escolar, principalmente nas salas da EJA. Os conflitos geracionais estão postos e precisam ser redimensionados em favor do aprender a conviver, saber priorizado nos dias atuais, pois está colocado como um dos pilares da educação para o século XXI. Trazer à tona estas reflexões, certamente, serve de alerta para que os educadores desta modalidade atendam às necessidades de seus alunos, tendo em vista uma práxis consciente, comprometida com o desenvolvimento humano. Estas reflexões representam mais um instrumento a favor do sucesso do processo ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Esperamos que esta leitura tenha proporcionado um novo olhar sobre o valor pessoal, que precisa ser construído no convívio social, em todas as instâncias sociais, em especial, nas salas de aula. No caso específico desta modalidade de ensino, trabalhar com o tripé da auto-estima é fundamental: o auto-respeito, a autovalorização e a autoconfiança são imprescindíveis na formação que se propõe ser ética e cidadã, num contexto de diversidade de atores. A atenção que cordialmente concedemos ao outro é um gesto simples e que, no entanto, tem valor imensurável, determinante no sucesso das relações humanas. Todo ser humano precisa de atenção e não há aprendizagem significativa sem que esta atenda às expectativas e necessidades do educando. Estabelecer empatia é o primeiro passo para se conseguir realizar um trabalho obtendo resultados satisfatórios para docentes e discentes.

Portanto é imperativo desenvolver mecanismos que possibilitem aprendizagens que tenham sentido em suas vidas, que passam necessariamente pela postura ética dos sujeitos envolvidos neste processo. Vivenciar valores humanos nas escolas é fundamental ao convívio social e, por pensar desse modo, sugerimos a construção coletiva de projetos com esta temática e aplicação de dinâmicas como uma das muitas ferramentas utilizadas, no sentido de buscar conhecer a história dos educandos e seu jeito de “encarar” a vida e ao mesmo tempo procurar socializá-los e sensibilizá-los a descoberta de si e ver no outro um ser humano complexo que, muitas vezes, necessita de compreensão e amizade, o que não significa valorizar este conteúdo em detrimento dos outros, mas integrá-los de forma inter, trans e/ou multidisciplinar.

No novo paradigma educacional, também chamado paradigma emergente, no processo educativo, a visão do homem em sua totalidade deve ser considerada. Desse modo, a formação integral do educando, abordando as dimensões intelectual, emocional e tudo mais que se integra à vida humana, é um desafio que está posto. Nesse contexto, professor e aluno assumem uma postura de pesquisadores na construção do conhecimento. Não dá para ficar indiferente a esta realidade. Na visão holística do homem em sua totalidade se desenha o saber conviver.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

GEORGE, Mike. **Viva melhor:** os sete clicks! Essenciais para uma vida sem estresse. São Paulo: Publifolha, 2005.

MIRANDA, Márcio Lúcio de. **Quem tem medo de ser rejeitado?:** guia de sobrevivência à rejeição.3. ed. Belo Horizonte: Ceap, 2005.

STROCCHI, Maria Cristina. Trad. Francisco Morás. **Auto-estima:** se não amas a ti mesmo, quem te amará?. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TILLMAN, Diane;COLOMINA, Pilar Quera. **Guia de capacitação do educador.** Programa vivendo valores na educação.2. ed. São Paulo: Confluência, 2005.

TILLMAN, Diane;COLOMINA, Pilar Quera. **Manual de atividades de valores para estudantes.** Programa vivendo valores na educação.2. ed. São Paulo: Abril, 2001.